

# Promessas d

Carreiras nas áreas tecnológica e de prestação de serviços especializados oferecem as melhores perspectivas para o futuro profissional

TITO MONTENEGRO

**C**om tantos cursos oferecidos nas universidades, a escolha da carreira pode se transformar num tormento para os jovens que estão prestes a fazer o vestibular. Entre os fatores envolvidos na decisão – como o gosto pessoal por uma determinada profissão –, aparecem também as possibilidades que cada uma delas reserva para o futuro profissional. Trata-se de um critério variável, que balança de acordo com os ventos do mercado. Mas hoje em dia ninguém ousa negar que, entre as carreiras mais promissoras, despontam aquelas relacionadas com tecnologia e que exigem formação altamente especializada.

O motivo é simples de entender. O Brasil sofre de uma necessidade urgente de recursos humanos qualificados em algumas áreas que são essenciais para o crescimento econômico. É o caso do setor de energia. Contratar engenheiros e técnicos das áreas de petróleo e gás, por exemplo, está na lista de prioridades das empresas do segmento. Apenas a Petrobrás, se mantiver as projeções de investimentos, abrirá cerca de 60 mil vagas para esses profissionais nos próximos anos. “Existe uma enorme escassez em todas as áreas tecnológicas”, afirma o presidente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Jorge Guimarães. Para ter uma idéia, dos 21 mil doutores formados entre 2001 e 2003, apenas 13% eram da engenharia e da área de computação. “Esse número mal é suficiente para suprir as vagas no setor acadêmico”, completa Guimarães.

O campo da informática pode ser ainda mais promissor que o da engenharia. Afinal, não se pode mais imaginar a vida sem computadores. Além disso, novos nichos estão sendo abertos a cada dia. Foi a oportunidade de trabalhar com o que gosta e

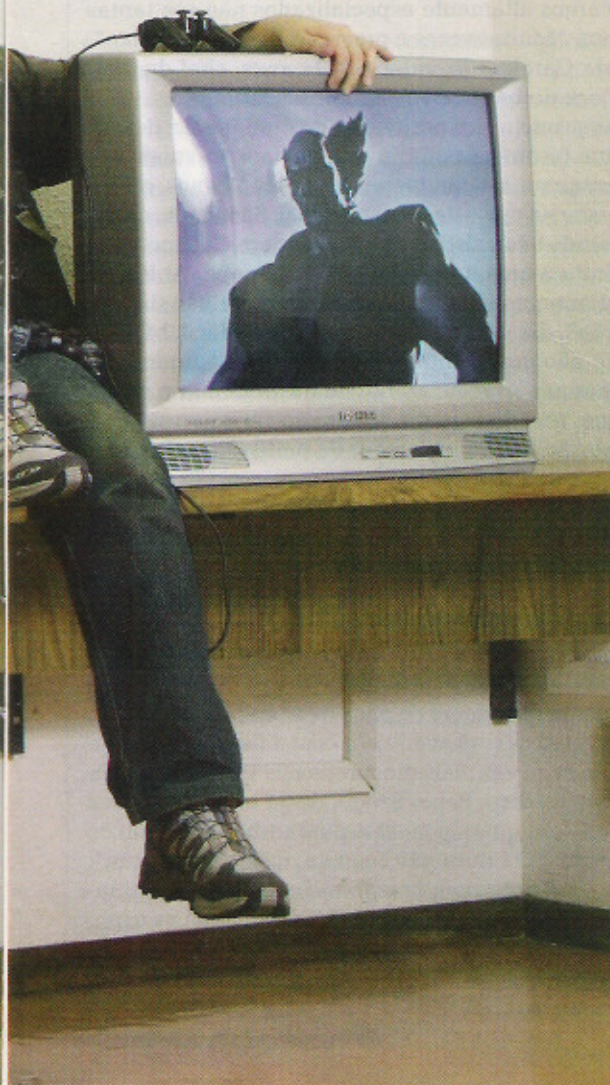
## INOVAÇÃO

Aluno da primeira turma de graduação em Design de Games da Anhembi Morumbi, Nicholas Souza trabalha como roteirista de jogos eletrônicos



Marcelo Miné/Época

# e emprego



ainda ter uma boa perspectiva de carreira que levou Nicholas Lima de Souza, de 20 anos, a ingressar na primeira turma de graduação em Design e Planejamento de Games, criada pela Universidade Anhembi Morumbi em 2003. "Foi ótimo porque eu consegui conciliar o prazer com o trabalho", conta. Mesmo antes de se formar, já conseguiu emprego como roteirista de jogos em uma empresa de games on-line. Para os próximos anos, os profissionais da área não terão do que se queixar. "Mesmo que o mercado não cresça tão intensamente quanto no período da bolha das empresas de internet, ainda haverá uma demanda muito grande", afirma Elias Roma Neto, coordenador do curso de Ciência da Computação do Senac São Paulo. "Hoje em dia é difícil que uma atividade não tenha ligação com a informática."

É claro que os empregos tecnológicos não se restringem à área de entretenimento. Eles podem estar no desenvolvimento de programas de computador, na fabricação de componentes, no setor de telefonia, nas pesquisas de ponta da Medicina e até mesmo no campo, onde a biotecnologia é ca-

## Só 13% dos doutores formados são das áreas de engenharia e computação

da vez mais necessária para garantir a produtividade dos rebanhos e das lavouras. Em todos esses segmentos, o segredo pode não estar na escolha da graduação, mas no contínuo aprimoramento profissional. André Junqueira, de 33 anos, é especialista de tecnologia da informação da multinacional IBM no Brasil. Depois de se formar em Mecânica de Precisão, não parou de estudar. Está cursando a terceira pós-graduação. Desta vez, na área gerencial. "Há dez anos se dizia que aqueles que não sabiam inglês eram analfabetos. Atualmente ocorre a mesma coisa com quem não se atualiza", diz Junqueira. "Não parar de estudar é uma necessidade imposta pelo mercado."

Outro segmento que não pára de buscar gente especializada é o meio ambiente. Não é para menos. A preocupação com os recursos naturais tem feito os governos adotarem leis mais severas – e as empresas, por seu lado, precisam se adequar a tais regras. O que ainda está em falta são profissionais ►



Foto: Marcelo Minêroca

**CONSTANTE ATUALIZAÇÃO** O engenheiro Heitor Kuramoto começou a carreira como técnico em eletrônica e hoje é coordenador operacional do Hospital Albert Einstein

capazes de conduzir as políticas das companhias em relação a esse tema. Pensando nisso, o curso de Gestão Ambiental foi uma das dez novas graduações que a Universidade de São Paulo passou a oferecer em seu campus na zona leste da capital, inaugurado no começo do ano. "Há uma grande demanda na sociedade e no mercado, nos setores públicos, nas indústrias e nos segmentos agrícolas de profissionais que sejam capazes de pensar o am-

## Nos próximos anos, o setor de serviços deverá oferecer muitas oportunidades

biente em toda a sua complexidade", diz Waldir Mantovani, coordenador do curso que, sem seu primeiro vestibular, teve uma procura calculada em 4,4 candidatos por vaga.

A perspectiva promissora foi um dos motivos que levaram Luciana Calejon, de 28 anos, a ingressar em um curso semelhante em uma universidade particular. Formada em Nutrição, exerceu a profissão por apenas três anos e desistiu por conta da má remuneração. Depois disso, abriu duas franquias de uma rede de lavan-

derias. Agora, ela vê na gestão ambiental uma chance de trabalhar em uma área onde as oportunidades estão surgindo. "Optei por essa carreira porque ela envolvia tanto a parte administrativa quanto a de meio ambiente", diz Luciana, atualmente no segundo semestre. "É um campo promissor, mas caberá a nós, das primeiras turmas, desbravar esse mercado."

Se as profissões da área tecnológica são praticamente uma garantia de trabalho nos próximos anos, há outros segmentos que tendem a manter a tradição de bons empregadores, como o setor de serviços. "Provavelmente nas grandes cidades isso venha a prevalecer com maior intensidade. Não necessariamente o turismo apenas, mas o setor financeiro, mercadológico, comercial e outros", afirma o professor Moisés Balassiano, da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Nesse caso, há oportunidades para os mais variados níveis – mas as vagas para os cargos altamente especializados não são tantas assim. "Muitas vezes é preciso começar por baixo", conta Carolina Brandão, de 24 anos, chef da filial carioca do badalado restaurante Carlota.

As primeiras experiências gastronômicas de Carolina foram na padaria que os pais possuíam em Araraquara, no interior paulista. Aos 17 anos, ela ingressou no curso de Chef no Senac São Paulo, quando ainda não existiam graduações em Gastronomia. "Ainda é uma área relativamente nova. Antes, os profissionais eram autodidatas porque não tinham opção", diz. "As pessoas acham que é fácil. Mas, se você não gostar muito, vai acabar desistindo." Isso porque, especialmente na gastronomia e no turismo, fins de semana livres são raríssimos. E, ao contrário do que o glamour da profissão pode sugerir, o trabalho é árduo.

Ainda no setor de serviços, há uma grande quantidade de opções para quem pretende se dedicar ao atendimento das necessidades dos idosos. O Brasil ainda é considerado um país de jovens, mas o aumento da expectativa de vida está fazendo com que a população mais velha não pare de crescer. Os médicos dedicados à geriatria poderão assistir a uma explosão no número de pacientes nos próximos anos. O mesmo deverá acontecer com a fisioterapia, profissão cada vez mais procurada nos vestibulares. Filho de médico, Paulo Szego, de 21 anos, conheceu a profissão quando machucou o ombro. E gostou do que viu. "O futuro não é a cura, mas a prevenção", diz. "A fisioterapia hoje tem como objetivo a qualidade de vida das pessoas." E esse tema, os especialistas concordam, não vai sair de pauta tão cedo.

O que todas as carreiras mais promissoras têm em



**PIONEIRISMO** Alunos do novo curso da Universidade de São Paulo na área de gestão ambiental

comum é que elas suprem necessidades específicas. "Promissoras não são apenas as atividades novas, mas ramos novos dentro de carreiras tradicionais", afirma o headhunter Guilherme Velloso, da consultoria PMC Amrop. É o caso do Direito. São tantos os estudantes que saem das faculdades todos os anos que o mercado para os advogados é considerado saturadíssimo. Mesmo assim há vagas para quem se especializa em Direito Empresarial e Internacional, por exemplo. Já na medicina e na biologia, quem se dedicar à genética também pode encontrar um nicho interessante.

As profissões citadas até aqui podem ser muito valorizadas no futuro. Mas será que isso é razão suficiente para que se escolha uma delas? Na opinião dos especialistas em carreira consultados por

ÉPOCA SP, a resposta é não. "Há uma série de segmentos que podem se tornar atrativos, mas uma escolha como essa também deve ser feita com base na paixão", diz o consultor Gutemberg de Macedo. "O importante é descobrir qual é seu talento e ver onde ele pode ser mais bem aplicado." Afinal, quem não gosta do que faz dificilmente se tornará um profissional destacado. "É melhor ser um pagodeiro de primeira classe que um executivo de terceira", brinca Macedo.

Outra característica do profissional do futuro é a capacidade de adaptação. "Na sociedade de hoje, as mudanças são muito rápidas. Por isso, ter flexibilidade e estar pronto para reagir rapidamente são características positivas", avalia Guilherme Velloso. O engenheiro Heitor Akira Kuramoto, de 37 anos, ►

### A IMPORTÂNCIA DO TESTE VOCACIONAL

*Antes de optar por uma carreira, o candidato deve avaliar se a profissão e a faculdade oferecem aquilo que ele realmente procura*

Uma das ferramentas à disposição dos vestibulandos para ajudar na decisão da carreira a seguir é o teste vocacional. Aplicado por profissionais treinados, consiste em uma longa lista de

perguntas que têm o objetivo de revelar as preferências e as aptidões do candidato. "Hoje, quase metade dos universitários acaba desistindo de seu curso", conta o psicólogo Leonardo Fraiman, especialista em orientação profissional. Para escapar dessa armadilha, o estudante precisa investir no autocohecimento. Mas isso não basta. Um segundo passo é obter informações sobre a carreira pretendida: o que se aprende na universidade e como é o dia-dia do profissional da área. E, final-

mente, conhecer as ocupações que os formados podem ter. "Na dúvida, como critério de desempate, sugiro escolher aquele que tenha o maior número de ocupações dentro da área", diz Fraiman. Também importantíssimo é não escolher a faculdade sem fazer um test-drive. Ou seja, assistir a algumas aulas, falar com o coordenador do curso, dar uma boa olhada nas instalações. "Se para comprar uma camiseta a gente experimenta, o mesmo vale para fazer uma matrícula", compara Fraiman.



Marcelo Malfi/FOCA

**MUDANÇA DE RUMO** Formada em Nutrição, Luciana Calejon decidiu mudar de área por causa da baixa remuneração. Hoje, ela acha que as melhores oportunidades estão nos setores ligados à preservação do meio ambiente

nem precisou ouvir esse conselho. Ainda na adolescência, escolheu ser técnico em eletrônica. Um de seus primeiros empregos foi numa empresa que produzia equipamentos hospitalares. A partir dessa experiência, Kuramoto fez especialização em Engenharia Clínica. Há 15 anos ele trabalha no Hospital Israelita Albert Einstein. Atualmente, é coordenador de controle operacional da instituição. "Passei a me dedicar cada vez menos à manutenção de máquinas e mais à parte administrativa."



**CARREIRA EM ASCENSÃO**  
**Chef do badalado restaurante**  
**Carlotá, Carolina Brandão atua numa das áreas mais promissoras**

Daniela Picovati/FOCA

Em função dessa mudança de foco, Kuramoto voltou a estudar. Ele ingressou na primeira turma do MBA de Gestão em Saúde, criado pelo Ibmec São Paulo em parceria com o Einstein. "Provavelmente, a partir de agora vou me dedicar um pouco mais à área financeira", diz. Trajetórias como a de Kuramoto mostram que não basta escolher uma boa carreira desde o início. Mais importante ainda é se adaptar aos novos desafios do mercado. E, claro, nunca perder de vista os próprios objetivos. ■

## OFERTA EXCESSIVA

*Nos últimos anos, a banalização dos cursos MBA fez com que o título perdesse um pouco de sua força*

No decorrer da década de 1990, as três letras do MBA (sigla para Master in Business Administration) começaram a aparecer com frequência no currículo de executivos em busca de uma oportunidade. Hoje, elas nem sempre são garantia de

uma vaga. O motivo é a banalização desse tipo de curso, que é oferecido por instituições dos mais variados níveis. "Houve uma prostituição da marca MBA. Muita gente acabou simplesmente comprando as três letrinhas", critica o professor Marco Antonio Quége, do Ibmec São Paulo, considerado uma das instituições mais sérias nessa área. "As pessoas esquecem que o título é importante, mas a contratação não é feita em função dele, mas da capacidade de um executivo

de gerar resultados." A febre do MBA teve sua raiz numa necessidade do mercado: o aprimoramento dos empregados de nível gerencial. Para garantir o aprendizado contínuo, já existe uma opção. São os chamados mestrados profissionais, que estão entre as prioridades da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Eles são mais curtos que o mestrado tradicional, são focados em um tema e não se destinam a formar acadêmicos.